



As mulheres na construção do conhecimento agroecológico *Women in the construction of agroecological knowledge*

OLÍDIA, Camila¹; COSTA, Bianca Lima²; CARDOSO, Irene Maria³;
LOPES, Ivonete da Silva⁴

¹ Universidade Federal de Viçosa, camilaolidia@gmail.com; ² Universidade Federal de Viçosa, bianca.lima@ufv.br; ³ Universidade Federal de Viçosa, irene@ufv.br;

⁴ Universidade Federal de Viçosa, ivonetelopes@ufv.br

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Gênero, Feminismos e Diversidades na Construção Agroecológica

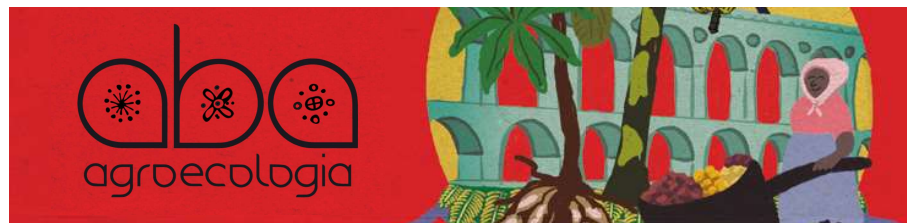
Resumo: O objetivo desta pesquisa foi compreender o papel que as mulheres desempenham na construção do conhecimento agroecológico. Deste modo, priorizamos uma perspectiva epistemológica decolonial e feminista de ciência, que percebe a presença feminina (e feminista) como responsável por ampliar os campos disciplinares do conhecimento científico tradicional. Analisamos as intersecções entre agroecologia e gênero na literatura científica e realizamos oito entrevistas semiestruturadas com diferentes lideranças femininas que compõem o movimento agroecológico e fizeram parte da XIII Troca de Saberes da Universidade Federal de Viçosa. A percepção, a partir da pesquisa, é de que o cuidado e a reprodução do trabalho desempenhado pelas mulheres são fundamentais na construção da práxis e dos conhecimentos agroecológicos e, que o engajamento na agroecologia, faz parte das trajetórias pessoais e profissionais das entrevistadas.

Palavras-chave: gênero; agroecologia; ciência; estudos decoloniais; feminismos.

Introdução

As mulheres agricultoras agroecológicas vêm tensionando os feminismos hegemônicos e, por meio de suas identidades, têm travado disputas no seio das teorias feministas, contestando a colonialidade dos saberes e da produção do conhecimento 'moderno', 'cartesiano' e 'globalizado' (COSTA, DIMENSTEIN, LEITE, 2020; QUIJANO, 2000; QUIJANO, 2005).

Segundo Costa, Dimenstein e Leite (2020, p. 4), a ciência tradicional não produz apenas "espaços heterogêneos de reflexão", mas "reproduzem geo e corpolíticas próprias" que são reflexos de suas escolhas metodológicas e epistemológicas, influenciadas pelos sistemas raciais e patriarcais (COSTA; DIMENSTEIN; LEITE, 2020, p. 4). Entretanto, há outras formas de fazer e pensar a ciência, a exemplo da agroecologia. A agroecologia é uma ciência com um "amplo espectro de saberes, práticas, tecnologias produtivas, que ganham diferentes contornos de acordo com os agentes que a mobilizam" e, apesar dos avanços motivados inclusive pelos feminismos na agroecologia, ainda a ciência agroecológica é analisada sob a lógica



da 'neutralidade' científica e muitos dos seus conhecimentos são considerados, por muitos, como 'crenças' (COSTA, DIMENSTEIN, LEITE, 2020, p. 7; CARDOSO; JALIL; MOREIRA, 2021). Assim, especialmente quando se trata das experiências de mulheres agricultoras e das comunidades tradicionais, estes conhecimentos costumam ser vistos como não racionais e demasiadamente 'femininos', ou seja, não suficientemente 'científicos' para os padrões da ciência convencional (CARDOSO; JALIL; MOREIRA, 2021; COSTA; DIMENSTEIN; LEITE, 2020). Para reverter tais preconceitos, a agroecologia precisa cada vez ser mais feminista.

Para Hillenkamp (2019), uma 'agroecologia feminista' é inerente à construção de um modelo de vida 'autônomo', em que as mulheres possam se libertar, ao menos que parcialmente, de trabalhar no cuidado e possam atuar na defesa do seu habitat, impulsionando a construção das agriculturas ecologicamente sustentáveis e a igualdade de gênero. Compreender o papel que as mulheres desempenham na construção do conhecimento agroecológico, objetivo desta pesquisa, pode contribuir para avançar na construção de uma agroecologia feminista. Assim, a pesquisa trata da construção do conhecimento agroecológico a partir das perspectivas e experiências das mulheres do movimento agroecológico da Zona da Mata de Minas Gerais.

Metodologia

Entre setembro e novembro de 2022, utilizando um roteiro, realizamos oito entrevistas semiestruturadas em profundidade, com lideranças mulheres da agroecologia participantes da XIII Troca de Saberes da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Em 2022, a Troca de Saberes foi realizada de 13 a 17/08 em formato presencial e nos dias 18 e 19/08 em formato virtual, concomitante à Semana do Fazendeiro da UFV.

O uso de entrevistas em pesquisas qualitativas permite o aprofundamento sobre o tema pesquisado (ALBERTI, 2013), favorece processos de autorreflexão compartilhadas entre os sujeitos e contribui na investigação do universo de experiências constitutivas dos sujeitos entrevistados (BOURDIEU, 1997; ALBERTI, 2013).

Na escolha das entrevistadas observou-se os critérios de diversidade étnico-racial. Das entrevistadas, quatro se autodeclaram como pardas e ou negras, três entrevistadas como brancas e uma entrevista como da etnia indígena Puri. As características das entrevistadas encontram-se no Quadro 1.

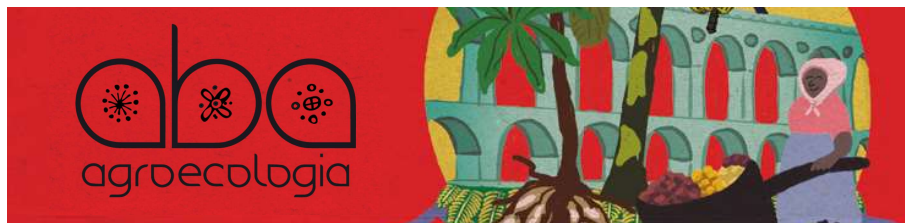


Quadro 1. Características de mulheres do Leste de Minas participantes da pesquisa.

Entrevistada (n°)	Idade	Raça/etnia	Orientação sexual	Naturalidade	Escolaridade	Profissão
1	33 anos	Branca	Bissexual	Belo Horizonte (MG)	Mestrado	Professora de biologia e homeopata
2	36 anos	Parda	Heterossexual	Divino (MG)	Ensino médio e técnico	Agricultora familiar
3	46 anos	Branca	Heterossexual	Espera Feliz (MG)	Ensino Fundamental (incompleto)	Agricultora familiar
4	50 anos	Branca	Heterossexual	Argentina, naturalizada brasileira	Doutorado	Professora de dança
5	56 anos	Negra	Heterossexual	Viçosa (MG)	Mestrado	Jornalista
6	57 anos	Negra	Heterossexual	Lajinha (MG)	Ensino Médio	Artesã e educadora popular
7	62 anos	Puri	Heterossexual	Caratinga (MG)	Graduação	Auditora fiscal e produtora cultural
8	63 anos	Negra	Heterossexual	Viçosa (MG)	Ensino Médio	Benzedeira

Fonte: base de dados da pesquisa.

O TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), seguindo os critérios do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFV, foi lido e assinado por cada participante antes das entrevistas. Estas foram gravadas, transcritas manualmente e analisadas de acordo com as cinco fases de YIN (2016), que incluíram: compilar, decompor, recompor, interpretar e concluir a análise dos dados e suas interações. Este processo nos permitiu conhecer as entrevistadas e suas histórias como agricultoras, cientistas, ativistas, entre outras.



Resultados e Discussão

As mulheres dividem todo o seu tempo na realização de tarefas referentes ao trabalho doméstico, de cuidados e de cultivo e ou processamento de alimentos. Elas são as principais responsáveis pelos cuidados com os alimentos e se preocupam com a qualidade e a quantidade dos alimentos consumidos por suas famílias. (ARRUZZA; BHATTACHARYA; FRASER, 2019; SILIPRANDI, 2007; BEZERRA *et al.*, 2019).

A realidade do 'cuidado', intrínseca à prática da agroecologia, se faz presente também na vida das entrevistadas. Todas elas se dedicam aos afazeres domésticos, ao cuidado com os filhos e ou parentes adoecidos, ao trabalho "fora de casa" e aos movimentos sociais em que fazem parte. Coexiste assim, na vida destas mulheres, um empenho contínuo em três âmbitos inter relacionais: pessoal, profissional e ativista. Para estas mulheres, o engajamento no movimento agroecológico e a definição do que seria a agroecologia se relacionam com a vivência e a prática do 'cuidar'.

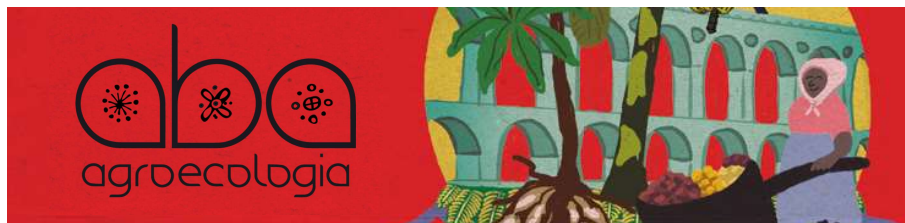
"Eu não cuido das pessoas com remédio alopático, eu cuido com a natureza, eu preciso da natureza para cuidar de mim, para cuidar dos meus e das pessoas que precisam de ser cuidadas por ela. Então isso é a agroecologia para mim: saúde, vida" (DEPOIMENTO - ENTREVISTADA 8).

"Eu pratico a agroecologia com o autocuidado. Eu pratico através das plantas medicinais, com chás, com as verduras, muito legumes, alimentação. Autocuidado com o corpo e com o espírito, através do banho de ervas para atrair boas energias. O cuidado com a casa, você tendo as plantas dentro de casa que trazem boas energias para o ambiente. Através de uma 'benzeção' com as folhas de chás e os chás" (DEPOIMENTO - ENTREVISTADA 5).

"A agroecologia é o cuidado que você tem com a mãe Terra, com as nascentes, com os alimentos que você vai produzir, aquele zelo, entendeu?" (DEPOIMENTO - ENTREVISTADA 3).

"A mulher, como ela é vista como frágil - e de frágil ela não tem nada - é muito mais perceptiva do que um homem. Isso faz toda a diferença dentro da agroecologia" (DEPOIMENTO - ENTREVISTADA 7).

Além da ênfase no 'cuidado', de acordo com algumas das entrevistadas, ela se engajou no movimento agroecológico porque os saberes da agroecologia, como a não utilização de agrotóxicos nas plantações e ou o uso de ervas medicinais para tratamentos de saúde, já haviam sido transmitidos por familiares e pessoas próximas em seus lares. Outro fator importante para o engajamento das mulheres na agroecologia foi a própria família e o contato com grupos ou movimentos sociais que possuíam afinidade e valores equivalentes aos do movimento agroecológico, a



exemplo da luta pela reforma agrária, das escolas famílias agrícolas e da saúde etc., como pode ser observado pelos depoimentos a seguir

“Eu tenho um interesse muito grande pela agroecologia por causa do meu pai. Ele faleceu aos 78 anos sonhando com a reforma agrária” (DEPOIMENTO - ENTREVISTADA 6).

“A agroecologia para mim ela veio se construindo na medida que eu fui me inserindo nos espaços, então a agroecologia para mim ela veio primeiro pela Escola Família Agrícola onde eu trabalhava como monitora. A agroecologia estava dentro de um currículo, estava dentro do processo educativo ali da escola que eu dei aula durante um tempo. Então ela primeiro veio nesse lugar da construção do conhecimento a partir da minha da minha inserção dentro da escola e isso foi ultrapassando outras vertentes assim, da minha vida, eu acho que ela entrou muito pela saúde também, a questão da alimentação, das terapias naturais, ela foi entrando dentro deste espaço” (DEPOIMENTO - ENTREVISTADA 1).

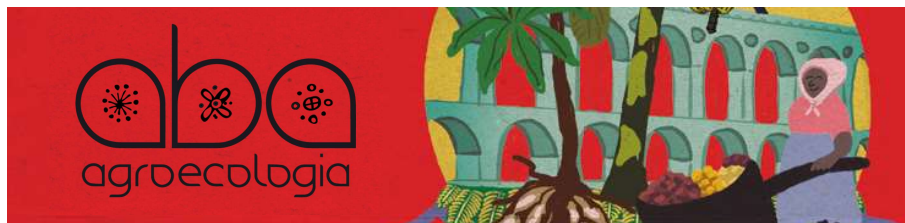
Outras se engajaram na agroecologia por motivos de saúde, para garantia da segurança alimentar e nutricional de suas famílias e ou pela preservação do meio ambiente.

Outro fator observado, é que as mulheres participam de diferentes grupos e movimentos sociais e articulam em seu cotidiano as afinidades dos seus ativismos. Essa articulação, permite vivenciar e ter contato com diferentes realidades e conhecimentos que, aos poucos, vão se inserindo e ampliando o movimento agroecológico. Essas diferenças e realidades complexas são importantes para a construção do conhecimento agroecológico:

“Para praticar a agroecologia, precisamos estar imbuídos desse lugar que é da transdisciplinaridade (...). A construção do conhecimento se dá no diálogo entre as diversidades, esses espaços diferentes, esses saberes que são diferentes. É no embate, na contradição, na complexidade” (DEPOIMENTO - ENTREVISTADA 4).

De acordo com as entrevistadas, a própria realidade das mulheres as fazem sujeitos fundamentais para a construção da agroecologia, seja como prática, teoria ou movimento.

“É um olhar para a semente do plantio, das mudas, estar junto ali. Nós fazemos café seletivo aqui e é um processo que nós mulheres levantamos porque nós mulheres temos esse carinho, você vai colher uma verdura, você vai lá e observa. Tem esse carinho de olhar, observar, qual é o melhor pé, o que que está acontecendo com as mudas, a época de plantar (...) esse cuidado que nós temos com as adubações, com os produtos e o caldo que a gente prepara com nossas mãos” (DEPOIMENTO - ENTREVISTADA 3).



Portanto, devemos nos atentar para as potencialidades de transformação das mulheres na agroecologia e à sua capacidade de construção de um conhecimento 'holístico', preocupado com o(s) sistema(s) agroalimentar(es) e as pessoas em sua totalidade (HILLENKAMP, 2019; ZAREMBA *et al.*, 2021).

Conclusões

Conclui-se que o cuidado e a reprodução do trabalho desempenhado pelas mulheres são fundamentais na construção da práxis e dos conhecimentos agroecológicos e que o engajamento na agroecologia, faz parte das trajetórias pessoais e profissionais das entrevistadas. A agroecologia, a partir da perspectiva das mulheres entrevistadas, é experienciada principalmente a partir de suas práticas de cuidado e observação do meio ambiente, sendo estas indissociáveis do seu cotidiano de trabalho dentro e fora de casa.

Referências bibliográficas

ALBERTI, Verena. **A entrevista**. In: Manual de História Oral. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%: um manifesto**. Boitempo Editorial, 2019.

BEZERRA, Antonia G. C.; MONTIEL, Marta S.; ROCES, Irene G.; ZARZAR, Andrea L. B. Mulheres, gênero e agroecologia na feira de agricultura familiar de São José de Mipibu. **Revista Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE**, v. 2, n. 15, p. 66-97, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

CARDOSO, Elisabeth M.; JALIL, Laeticia M.; MOREIRA, Sarah L. S. As mulheres na construção do conhecimento agroecológico. **Cadernos de Agroecologia**, v. 16, n. 1, 2021.

COSTA, Maria da G.; DIMENSTEIN, Magda; LEITE, Jáder. Narrativas e feminismos em disputa na construção do conhecimento agroecológico no Brasil. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 15, n. 4, p. 1-13, 2020.

HILLENKAMP, Isabelle. ¿Cultivar su autonomía? La agroecología de las agricultoras brasileñas. **Revista de antropología social**, v. 28, n. 2, p. 297, 2019.

QUIJANO, Aníbal. Coloniality of power, ethnocentrism, and Latin America. **Nepantla**, v. 1, n. 3, p. 533-580, 2000.

QUIJANO, Aníbal. Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina. **Estudos avançados**, v. 19, p. 9-31, 2005.



YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Penso Editora, 2016.

ZAREMBA, Haley; ELIAS, Marlène; RIETVELD, Anne; BERGAMINI, Nadia. Toward a Feminist Agroecology. **Sustainability**, v. 13, n. 20, p. 11244, 2021.